

Primeiro álbum
do Farofa Carioca,
enfim, no streaming

PÁGINA 3



'A Melhor Mãe do
Mundo' segue
fazendo bonito

PÁGINA 5



Beth Goulart
dá vida a Clarice
Lispector

PÁGINA 6



2º CADERNO



André Bittencourt/SNEL

Divulgação



Ziraldo, uma das maiores personalidades da história da Bienal do Livro, é festejado em toda parte do evento, com destaque para o mural pintado na entrada do pavilhão 2 do Riocentro

Que saudades do Senhor Bienal!



Ziraldo é celebrado com mural, livro inédito, biografia infantil e até produtos licenciados

Por Affonso Nunes

A Bienal do Livro Rio 2025 presta uma homenagem comovente a Ziraldo, um dos maiores nomes da literatura infantil brasileira, falecido em abril do ano passado. Pela

primeira vez sem a presença física do autor, a feira literária reverencia seu legado com lançamentos inéditos, uma biografia voltada ao público infantil, um mural grafitado de grandes proporções e uma linha exclusiva de produtos licenciados. A celebração ocorre em um ano simbólico, em que o Rio de Janeiro foi nomeado Capital Mundial do Livro pela

Unesco.

A diretora da GL Events Exhibitions, Tatiana Zaccaro, relembra a trajetória de Ziraldo com o evento. "Ele esteve em todas as edições da Bienal desde 1983. Em 2013, foi o autor homenageado, e a área infantil foi toda inspirada em seus livros. Esta homenagem em 2025 é mais que justa: é uma forma de manter viva sua presença, seu afeto e seu compromisso com a formação de leitores".

O coração da homenagem está no Mural Ziraldo, junto a entrada do Pavilhão 2 do Riocentro. Com 485 metros quadrados de área grafitada, o painel exibe personagens icônicos criados pelo artista, como O Meni-

no Maluquinho, Supermãe, a Turma do Pererê e Uma Professora Muito Maluquinha, além de retratar as famosas filas de autógrafos que Ziraldo atraía em cada edição do evento. "É uma celebração visceral da relação entre Ziraldo e a Bienal", afirma Daniela Thomas, filha do artista e uma das curadoras da instalação. A intervenção artística é assinada pelo grafiteiro Gardpam e sua equipe, com curadoria também de Adriana Lins, sobrinha de Ziraldo, e Mig Mendes.

A instalação, com patrocínio do Riocentro e das editoras Melhoramentos, Maistech e Inteligência Educacional, transformou a entrada do pavilhão em ponto de encontro e parada obrigatória para fotos e homenagens. "É impossível pensar na Bienal sem lembrar de Ziraldo. Apoiar o mural é eternizar seu impacto", afirma Carolina Alcoforado, diretora da Melhoramentos. Para Millena Araújo, CEO da Inteligência Educacional, o autor "foi pioneiro ao abordar temas como preservação ambiental e cidadania com leveza e humor, muito antes dessas pautas ganharem o debate público".

Dois novos trabalhos para lembrar o autor

Além da instalação, dois livros marcam presença entre os destaques editoriais da Bienal. Um deles é “O

Caminho das Sete Tias” (Melhoramentos), obra póstuma e inédita escrita por Ziraldo na década de 1990. Guardado por décadas, o manuscrito chegou à editora acompanhado de um bilhete do próprio autor: “Vamos guardar para uma próxima oportunidade”. A hora chegou. Com narrativa poética e simbólica, o livro conta a história de um príncipe encantado que, ao perder a alegria, embarca numa jornada guiada por sete tias mágicas —



Divulgação

cada uma ligada a uma cor, uma nota musical, uma fragilidade humana. O texto é um convite à esperança, à sensibilidade e à busca pelo encantamento, mesmo em tempos sombrios.

A concepção gráfica do livro é assinada por Adriana Lins, também diretora artística do Instituto Ziraldo, que se inspirou na estética de “Flicts” (1969), o primeiro livro infantil de Ziraldo. “Decidimos valorizar o texto raro e dar protagonismo às palavras, com imagens gráficas inspiradas nas formas dos planetas e nas cores do arco-íris. O livro nasceu com uma atmosfera sonora e visual que remete à origem da obra do Ziraldo”, afirma Adriana. A obra ganhou trilha sonora composta por Antonio Pinto, filho do autor, reforçando o caráter sensorial da publicação. O livro está

Frequentadores da Bienal transformam detalhe do mural dedicado a Ziraldo em espaço instagramável

disponível em versão impressa e digital.

Outro lançamento marcante é “Peixe Grande” (Global Editora), uma biografia metafórica escrita por Guto Lins, amigo de Ziraldo, voltada ao público infantil. O livro acompanha a travessia de um pequeno peixe de água doce, que, com coragem e imaginação, deixa o Rio Doce e nada até o mar, numa narrativa lúdica que representa a trajetória de Ziraldo, de Caratinga ao mundo. “Ele era um menino que se imaginou desenhista e se transformou em ícone da imaginação brasileira”, diz o autor, que também assina “Entre

Cobras e Lagartos”, lançado no ano passado com imagens do acervo do Instituto Ziraldo.

“Peixe Grande” é o primeiro título do autor no catálogo da Global Editora, que vê na publicação uma forma de reforçar seu compromisso com a literatura nacional. “Ziraldo é um patrimônio cultural. Seu humor, sua leveza e sua sensibilidade formaram gerações. É uma honra publicá-lo”, destaca Richard Alves, CEO da editora.

Para o Instituto Ziraldo, a missão é preservar a obra do artista como acervo vivo, capaz de dialogar com novas gerações. “Queremos que os livros, os personagens e a linguagem do Ziraldo continuem vivos, pulsantes, capazes de inspirar crianças e adultos”, afirma Adriana Lins. Essa visão se materializa também numa linha inédita de produtos oficiais, disponíveis na loja física e virtual da Bienal. Canecas, garrafas, cadernos e outros itens estampam personagens e frases clássicas do autor, celebrando seu vínculo com a leitura e o universo gráfico.

Entre lançamentos editoriais, resgate de obras inéditas, homenagens visuais e a multidão de leitores que continua a se emocionar com suas criações, Ziraldo permanece, mesmo após sua partida, como um dos grandes protagonistas da Bienal.

O QUE ROLA NA BIENAL - terça, 17

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Poder na menopausa

Menopausa tem a (má) fama de ser uma fase da vida que aterroriza as mulheres. O painel “Menopower” propõe um olhar leve e informado sobre a menopausa. A escritora Thalita Rebouças (foto), a médica Isabela Bussade, a apresentadora Angélica e a jornalista Mariliz Pereira Jorge falam sobre corpo, saúde mental, tabus e autoconhecimento. Com humor e liberdade, o encontro destaca a menopausa como fase de potência, de virada de chave, e não de sofrimento. A conversa acontece às 17h, no Palco Apoteose Shell.

Divulgação

João Wesley/Divulgação



A II Guerra no Rio

Um dos destaques na Bienal nesta terça-feira (17) é o painel “Trincheira Tropical” que reúne Ruy Castro e Isabel Lustosa para uma conversa sobre o Rio de Janeiro na Segunda Guerra Mundial. Autor de biografias de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda, e de livros sobre a bossa nova e o Rio dos anos 20, Ruy lança “Trincheira tropical — A Segunda Guerra Mundial no Rio” (Companhia das Letras). Membro da ABL e articulista do Correio da Manhã, o jornalista fala sobre espões, refugiados e tramas históricas. Às 18h, no Café Literário Pólen.



Leituras afetivas

O sarau “Autores Leitores” abre com a atriz, apresentadora e produtora Maria Gal (foto) lendo trechos da obra de Carolina Maria de Jesus, a autora do consagrado “Quarto de Despejo”. Depois, autores convidados, como Lola Salgado, Tom Grito, Ian Fraser, Marcela Ceribelli e Dandara Suburbana, compartilham com o público poemas que os inspiram. As pessoas na plateia também podem participar do sarau, declamando versos e homenageando autores favoritos. A mediação é de Iana Villela e Yasmin Santos. Às 17h30, na Praça Além da Página Shell.

A farofa que alimentou o Brasil de arte

Álbum de estreia da banda liderada por Seu Jorge e Gabriel Moura chega pela primeira vez às plataformas digitais com som espacial e previsão de vinil

Por **Affonso Nunes**

Mais de duas décadas após ter conquistado palcos e pistas com sua mistura efervescente de ritmos e discursos sociais, o grupo Farofa Carioca ressurgue com força total. O álbum “Moro no Brasil”, lançado originalmente em 1998, chega às plataformas digitais pela primeira vez, em versões remixadas, remasterizadas e com tecnologia Dolby Atmos. O relançamento é fruto de uma parceria entre a Universal Music Brasil, Seu Jorge e Gabriel Moura, fundadores do grupo, e antecipa ainda uma edição em vinil do disco.

Revisitar o álbum foi, segundo Gabriel, uma experiência intensa. “Foi fascinante examinar os arquivos originais, mixar e masterizar usando os recursos tecnológicos

de hoje; é como abrir uma janela no tempo 27 anos depois”, conta. Seu Jorge completa: “É um prazer enorme podermos dar acesso à juventude a esse trabalho que foi tão importante para nós”.

O grupo se destacou ao longo dos anos por sua inventividade sonora e espírito irreverente. Com base no samba, o Farofa incorporava soul, funk, reggae, forró, jongo, hip-hop e pop — tudo com a pegada das big bands de gafeira e a energia do Movimento Black Rio. “Queríamos causar impacto, divertir, fazer uma espécie de fanfarrinha carioca”, lembra Seu Jorge. Os shows misturavam música e performance, com pernas-de-pau, malabaristas, acrobatas e até números de trapézio, refletindo a origem teatral do grupo, nascido nos bastidores da UERJ e nas ladeiras de Santa Teresa.

Formado por músicos de di-

ferentes pontos do Rio de Janeiro, o Farofa uniu subúrbio e zona sul, teatro e música, festa e denúncia social. Em um Brasil que se reerguia do autoritarismo e se abria para novas utopias, a banda foi espelho das contradições do país. “Vivíamos um momento de autoestima, consciência política, ambiental. A nova Constituição, a queda do Collor, o dólar um para um, tudo isso influenciava. Mas também havia Candelária, Carandiru, massacres e corrupção. A música era a nossa forma de lidar com tudo isso”, contextualiza o músico.

Essa complexidade está impressa nas faixas do álbum. A faixa-título, “Moro no Brasil”, sintetiza o espírito da banda com seu samba-funk carnavalesco e crítica social: “Não sei se moro muito bem ou muito mal... a inteligência é fundamental”, avisa o refrão. Em

“São Gonça”, um hit imediato, o romantismo suburbano ganha voz. Já “Bebel” traz um groove-*rap* com metais afiados e coro contagiante.

Temas sociais e raciais se impõem de maneira contundente. Em “A Carne”, reggae com participação de Fagner e verso imortalizado depois por Elza Soares — “A carne mais barata do mercado é a carne negra” —, o grupo aborda o racismo estrutural. Em “A Lei da Bala”, *une funk carioca*, *storytelling* e crítica à violência urbana. E em “Jacaré”, Seu Jorge lança versos ácidos sobre corrupção política e desigualdade: “Tiram onda com o seu dinheiro de contribuinte o ano inteiro”.

O disco também trata de temas identitários e indígenas. A provocativa “Índio”, dedicada ao líder Galdino, assassinado em Brasília, mescla rock, psicodelia, citações da ópera “O Guarani” e locuções de



O Farofa Carioca em sua formação original, de 1998, tendo Seu Jorge como principal vocalista



O Farofa Carioca em sua formação atual

Washington Possato/Divulgação

Daniel Mattar/Divulgação

Divulgação



rádio em um arranjo que atravessa o tempo. “Timbó”, samba de terreiro gravado por Jamelão em 1957 e regravado pelo grupo, conecta a ancestralidade africana à espiritualidade popular. “O arranjo de cordas é do Maestro Paulo Moura, meu tio, que também faz o solo de clarineta. É uma faixa de grande força simbólica”, destaca Gabriel.

A sequência final do álbum reforça o olhar do grupo para a realidade urbana. “Rabisca Robson” retrata a juventude envolvida com drogas com linguagem teatral e sample de Jair Rodrigues. “Menino da Central”, com participação de Sivuca na sanfona, homenageia os jovens ambulantes da estação Central do Brasil. O Farofa soube aproximar a arte das vivências do povo, mas sem abrir mão da sofisticação musical.

Em 2023, a banda voltou aos palcos com show especial no Rio de Janeiro, agora com Mário Broder no vocal. A apresentação emocionou Seu Jorge, que viu suas filhas presenciarem, pela primeira vez, o grupo em ação. “Elas cresceram me ouvindo falar do Farofa. Verem esse show foi muito especial”, diz.

Com 28 anos de estrada, o Farofa Carioca segue reunindo Bertrand Doussain (flauta), Carlos Moura (trombone), Gabriel Moura (voz e violão), Mário Broder (vocal), Sandrinho Carioca (percussão), Sérgio Granha (baixo), Seu Jorge (voz e guitarra), Valmir Ribeiro (cavaquinho) e Wellington Coelho (percussão). Enquanto novos shows não são anunciados, “Moro no Brasil” já pode ser ouvido em streaming. “Hoje o jovem tem outros estímulos, outras formas de vivência e filtros de informação, mas acredito que os temas do álbum continuam pertinentes e sensíveis para todos nós”.

Para sempre Domingos

‘Todas As Mulheres do Mundo’ encerra a mostra ‘Eu Sei Que Vou te Amar’ do Estação numa celebração da força autoral de seu saudoso realizador

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A pesar de ter saído de cena sem pedir licença à saudade da gente, Domingos de Oliveira (1936-2019) se faz eterno cada que sua obra cinematográfica é exibida. Quarta, às 21h, caberá a ele, lá do Infinito, fechar a mostra do Estação NET Botafogo que celebra seu objeto mais querido, a paixão, com uma projeção de “Todas as Mulheres do Mundo”. A comédia romântica nº1 do Brasil completará seis décadas de existência em 2026, quando Domingos faria 90 anos. Essa sessão na mítica sala de exibição da Voluntários da Pátria 35 antecipa a festa.

Lançado em 1966, o longa-metragem é centrado no idílio entre o jornalista e dramaturgo Paulo (Paulo José) e a professora Maria Alice (Leila Diniz), numa ciranda de flertes e de traição. Todo o enredo se estrutura como um relato de Paulo ao amigo Edu (Flávio Migliaccio), que tem desdém pelos laços sentimentais. Tais relatos passam por um jogo de sedução em que ele tem de driblar as investidas da prima hedonista e de uma suicida.

É um dos raros exemplares do gênero a unir sucesso popular e prestígio de crítica. Foi laureado com o troféu Candango do Festival de Brasília de Melhor Filme, com outros quatro prêmios e mais uma menção honrosa para Leila. O projeto nasceu como um gesto de “volta para mim” de Domingos para a atriz, numa reação desesperada ao fim do relacionamento entre eles. O pleito não deu certo, mas rendeu uma bela amizade e um filme inesquecível.

“O filme mostrou-me que todos os amores são iguais e completamente diferentes,



Divulgação

Lançado em 1966, ‘Todas as Mulheres do Mundo’, é centrado na relação entre o jornalista Paulo (Paulo José) e a professora Maria Alice (Leila Diniz), numa ciranda de flertes e de traição

Reprodução Facebook



Domingos de Oliveira: “O filme mostrou-me que todos os amores são iguais e completamente diferentes, expresso pela nossa solidariedade com os sofrimentos do outro”

expresso pela nossa solidariedade com os sofrimentos do outro”, disse Domingos ao Correio da Manhã antes de morrer. “Quando o filme foi finalizado, Leila e eu já éramos amigos e, sem dor alguma, tomamos um porre (bebedeira)”.

Fotografado por Mário Carneiro (1930-2007), “Todas As Mulheres Do Mundo” nasceu em película e ensinou gerações na sua pátria como se faz uma love story com brasilidade. O argumento é baseado nos contos nos contos “A Falseta” e “Memórias de Don Juan”, de Eduardo Prado, e se divide em seis partes: “A conquista”, “Primeiras consequências”, “O bolo”, “A reconciliação”, “Outro

bolo” e “Uma revelação”. Seu desempenho comercial fez Domingos virar uma promessa de excelência na estrada das comédias de linha popular nos anos 1960. Teve menos público com a longa seguinte, “Edu, Coração de Ouro”, de 1968, mas ampliou seu status de cult. Voltaria a encher cines em janeiro de 2003, quando “Separações” estreou. O filme ganhou a competição internacional do Festival de Mar Del Plata na Argentina, onde Domingos ganhou o prêmio de Melhor Ator no papel do bardo Cabral. Essa condição de ser cultuado se manteve pelas duas décadas em que filmou com câmeras digitais.

Laureado em múltiplos eventos por

“BR716”, com o qual venceu o Festival de Gramado de 2016, Domingos dizia ser movido por um sentimento de grupo. “Os jovens de hoje são bem mais velhos”, disse ele, que lançou um manifesto chamado “B.O.A.A.”, o “Baixo Orçamento e Alto Astral”, talhado em meio à batalha dos editais da Lei do Audiovisual. Elas eram o arranque da sua obra audiovisual, paralela à sua efusiva criação teatral, mas, na falta de suporte estatal ou de empresas privadas, a adesão dos amigos ajudava e unia profissionais em prol do sonho de ver novos longas-metragens nos écrans.

Depois de um hiato estimado em 18 anos sem filmar para o cinema, dedicado à TV Globo e aos palcos, Domingos saiu da seca em 1998, com “Amores”, a longa vencedora do Kikito de Júri Popular em Gramado que abre uma porteira para pastos verdíssimos onde o realizador carioca viria a semear a essência estética de uma nova fase dramaturgicamente. Priscilla Rozenbaum, sua companheira de vida e de criação, foi sua principal parceira artística nessa fase. Hoje, ela traz ecos do cineasta para o experimento teatral que prepara atualmente, inspirando-se nos feitos do realizador Jean-Luc Godard (1930-2022) e sua obra semiótica, criada a partir de “Acossado”, em 1960.

A definição precisa para esse novo ciclo de Domingos (com Priscilla) que ganhou mais viço entre 2002 e 2010, foi definido com precisão pelo crítico Carlos Alberto Mattos na sua resenha da dramédia “Juventude” feita para o Segundo Caderno do jornal O Globo, no Natal de 2008. No texto, CAM definiu a estética de Domingos como um ménage à trois que funde fazer cinema, fazer teatro e viver. Trocado em miúdos, a obra dele passa a ser um amalgama indissociável de vivências de palco (em especial a sua incursão na série de encenações musicais “Cabaré Filosófico”), lutas para seguir a filmar e modos de amar com liberdade e paixão. Esse era o ponto central de todas as histórias por ele contadas nesse perímetro de tempo, sempre coroado de láureas e sempre delineado pela lapidação da intimidade do realizador com um léxico avesso ao uso de película. Era no digital que os diálogos do Seu Oliveira destilaram a sua acidez máxima numa náusea celebrativa em relação às artimanhas do arlequim chamado Acaso.

Tal arlequim regressa serelepe ao Estação amanhã, com Paulo e Leila num filme “pra sempre”.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Salivante pela estreia de “O Agente Secreto”, que rendeu quatro prêmios ao Brasil no Festival de Cannes e só entra em circuito em 6 de novembro, o cinema nacional anseia por um novo blockbuster neste ano em que ganhou seu primeiro Oscar, com “Ainda Estou Aqui”. O drama de Walter Salles chegou à marca de 5,8 milhões de ingressos vendidos ao mesmo tempo em que a produção brasileira mobilizou salas de exibição com “O Auto da Compadecida 2” e “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa”.

O próximo título com fôlego (e excelência) para vender pincas de ingressos é “A Melhor Mãe Do Mundo”, de Anna Muylaert, que teve sua primeira sessão mundial no início de fevereiro, na Berlinale, na Alemanha. O mais recente longa-metragem da realizadora de “Que Horas Ela Volta?” (2015) passou pela prova de fogo da adesão popular ao abrir o Cine PE, no Recife, há uma semana e se salpicar de elogios enquanto arrumava malas para tentar a sorte no Festival de Gualajara, no México.

A atriz Shirley Cruz é seu aríete para abrir telas... e derreter corações... numa interpretação para ficar na memória. O lançamento do drama arejado por sorrisos e aventuras que ela protagoniza vai ser só em 7 de agosto, mas uma campanha de eficiência notável já se faz rolar, a começar da maratona cinéfila pernambucana.

Na capital de Pernambuco, ela cravou: “O que está cidade tem feito pelo cinema nacional é muito significativo, e temos orgulho de mostrar nosso filme aqui”.

Enquanto corria mundos à frente de “Alfazema” (2019), um dos títulos de maior vigor do curta-metragem nacional, Shirley brilhou em novela (como Gláucia, em “Bom Sucesso”) e deu o ar de seu talento no único filme brasileiro (ainda que de diretor americano, Paxton Winters) a ganhar a Concha de Ouro de San Sebastián, “Pacificado”. Credenciais (e vigor



Divulgação

Atuação estonteante da atriz Shirley Cruz em ‘A Melhor Mãe do Mundo’ pode consagrar o novo filme de Anna Muylaert no imaginário popular

Gestação de um potencial **SUCESSO**

Depois de abrir sua trajetória mundial na Berlinale com apoteótica atuação de Shirley Cruz, ‘A Melhor Mãe Do Mundo’, de Anna Muylaert, inicia sua trilha para arrebatador o Brasil

Rodrigo Fonseca



A atriz Shirley Cruz e a diretora Anna Muylaert durante passagem pela Berlinale

dramático) ela tinha de sobra para encarar o papel principal de “A Melhor Mãe do Mundo”, que extraiu lágrimas e sorrisos da Berlinale.

No Festival Internacional de Cinema de Guadalajara, um dos mais prestigiados da América Latina, “A Melhor Mãe do Mundo” foi reconhecido com três prêmios: Melhor Interpretação, para Shirley; Melhor Roteiro, para Anna

Muylaert; e Melhor Fotografia, para Lílís Soares. Já no CINE PE, um dos mais importantes festivais do circuito nacional, o longa saiu consagrado com cinco prêmios: Melhor Filme – Júri, Melhor Roteiro (Anna Muylaert), Melhor Atriz (Shirley Cruz), Melhor Atriz Coadjuvante (Rejane Faria) e Melhor Montagem

Faz tempo que a Berlinale abre

apoteoses para nossas intérpretes, vide Marcélia Cartaxo (“A Hora da Estrela”), Ana Beatriz Nogueira (“Vera”), Carla Ribas (“A Casa de Alice”), Maria Ribeiro (“Como Nossos Pais”) e a diva das divas, Fernanda Montenegro, premiada lá, em 1998, com “Central do Brasil”. Shirley se junta agora a esse bonde, num trabalho de composição doce, sem ações bruscas, que lembra a

interpretação da cantora congoleza Véro Tshanda Beya Mputu em “Félicité” (Grande Prêmio do Júri no evento alemão, em 2017). Sua cumplicidade com as demais atrizes em cena (sobretudo com Katiuscia Canoro) se faz notar por engasgos, mágoas represadas em silêncios e olhares fuuuuundos.

Lá se vão nove anos desde que Anna Muylaert estreou “Mãe Só Há Uma” no Panorama da Berlinale e, nessa sua volta, amparada na fotografia de Lílís Soares, ela constrói uma mistura de “Noites de Cabíria” com “O Cortiço”.

Aspereza e desilusão

Os trejeitos de arlequina de Giulietta Masina saltam à cabeça quando Gal, uma catadora de material reciclável (interpretada por Shirley) aparece pela primeira vez, numa delegacia, num apelo à Lei Maria da Penha, a fim de relatar a violência de que foi vítima em seu lar. Traz uma ferida no rosto, à altura do olho, decorrente de uma carraspana do marido, o segurança Leandro, (Seu Jorge), que vira uma besta-fera ao se encher de cerveja. No empenho para fugir dele, ela coloca seus filhos pequenos em sua carroça e atravessa a cidade de São Paulo. Pelo caminho, enfrenta os perigos das ruas enquanto tenta convencer as crianças, Rihanna e Benin, de que estão vivendo uma aventura em família.

“A Vida É Bela” (1998) é outra referência que brota de nossa cinefilia frente ao que a realizadora Anna Muylaert nos dá, mas os caminhos percorridos por essa realizadora não dão espaço ao estratagemas pícaro que Roberto Benigni explorava tão bem. No filme da cineasta de uma SP corinthiana sobrepõem-se a aspereza e a desilusão. Bem Cabíria mesmo...

Lourenço Mutarelli, maior quadrinista vivo do país, autor de “A Confluência da Forquilha” e do romance “O Cheiro do Ralo”, tem seu quinhão de holofotes na narrativa, como o frentista que Gal enxerga como um paizão. Pena não estar concorrendo a prêmios. Shirley merece um pela retidão. Da mesma forma, o longa é merecedor de plateias inchadas de gente.

Paulo-Roberto Andel

Eu queria ter doze anos

Não é exatamente um desejo de ser mais jovem, mas de voltar no tempo mesmo. Acordei neste junho frio do Rio - para nós, cariocas, 17 graus são praticamente a Patagônia - e do nada me entorpecí com o sonho de voltar a ter doze anos de idade exatamente naquele ano que era 1980.

Aquilo tudo passou rápido demais e certamente não aproveitei 99% do que poderia. Por várias coisas, um garoto de doze anos daquele tempo é bem diferente de agora, 45 anos depois. Em tudo. Ou quase tudo.

Eu queria ter doze anos de idade para sentir aquele velho calor de expectativa aos domingos, quando em algum momento meu pai dizia “Paulo, toma banho logo!”, o que significava que iríamos ao Maracanã e eu andava pelas estrelas só de pensar. Quem viveu isso sabe como ninguém. E não era um Maracanã simplesmente, mas aquele Maracanã - o de 100 mil torcedores, o da nuvem mágica de pó de arroz que mais parecia uma viagem do Pink Floyd, do meu time todo de branco subindo o túnel com uma multidão de crianças em volta - o que eu nunca pude fazer. Bom, o mais importante era ter a mão do meu pai me guiando de Copacabana ao estádio imortal.

Eu queria ter doze anos para poder voltar a lanchar o cachorro quente das Lojas Americanas da Figueiredo Magalhães. Pão, salsicha e molho de tomate com cebola. Que delícia! Igual, nunca mais. E perto da loja tinha a galeria do Cinema Condor, maravilhosa - o Condor era gigante, ir ao cinema era um luxo!

Eu queria ter doze anos

para jogar bola com meus amigos na Tenreiro Aranha, a vila, bem em frente à minha escola. O progresso trouxe o metrô da Siqueira Campos, a Tenreiro acabou e a escola já tinha fechado antes. Pelo menos eu falo com meu amigo Leo no WhatsApp, ele mora em Juiz de Fora. O Fredão morreu há anos e me deixou na mão. Dureza. Ele tinha que estar aqui.

Em 1980 a gente sonhava com os LPs da vitrine da Billboard, ao lado da Modern Sound na rua Barata Ribeiro - de lá para cá, mataram e ressuscitaram os discos, que agora são muito mais caros. Dureza.

Eu queria voltar a ter doze anos de idade porque estava descobrindo a beleza feminina. A Márcia e a Simone passavam ali perto de casa toda hora. Elas eram lindas, mas claro que só olhavam para os super-homens de quinze anos, o que nós, garotos, somos incapazes de compreender pelo resto da vida inteira. Não importa: como era bom vê-las e admirá-las.

Eu queria ter doze anos de novo para ver desenhos animados com minha mãe e poder provar a comida maravilhosa que só ela fazia. A gente ria, via os desenhos, jogava até botão mas não dava certo porque ela queria fazer gol com a mão, jogando o dadinho na rede. E queria abraçá-la e dizer “Eu amo você, mãe!”, como fiz dos doze anos de 1980 até 2007, quando meus dois sóis explodiram.

Ser garoto era tudo. A gente nunca entende, quer ser adulto logo até que percebe o erro e o tempo, este senhor do universo, nos leva de forma implacável pelos caminhos da vida, até que um dia as cortinas se fecham sem perdão.

Presença de Clarice



Premiado monólogo com Beth Goulart que mergulha no universo da escritora chega ao último fim de semana

Realizado, concebido e protagonizado por Beth Goulart, o espetáculo ‘Simplesmente Eu, Clarice Lispector’ encerra sua temporada carioca neste fim de semana, com as últimas apresentações no Teatro Clara Nunes, no Shopping da Gávea. Com o teatro lotado desde sua reestreia em 14 de março, a peça vem atraindo espectadores de todas as idades que nutrem em comum a paixão pela escritora e sua obra.

“As pessoas saem felizes e impactadas por Clarice Lispector e só tenho a agradecer pela magia do teatro ter criado esse caminho, através do meu trabalho, como criadora e atriz”, reflete Beth Goulart, ao comentar sua radiante atuação. A montagem celebra os 50 anos de carreira de Beth Goulart e é fruto de uma profunda imersão da atriz no universo da escritora, com dois anos de pesquisa, seis meses de preparação e dois meses de ensaios. “Fiquei grávida de Clarice e estava tudo na minha cabeça”, brinca Beth sobre o processo de criação que deu origem ao espetáculo em 2009.

A dramaturgia é construída a

partir de depoimentos, entrevistas e correspondências da autora, mesclados a fragmentos de obras emblemáticas como “Perto do Coração Selvagem”, “Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres”, e os contos “Amor” e “Perdoando Deus”. Beth Goulart tece uma narrativa que entrelaça a autora com as vozes de quatro personagens femininas — Joana, Lori, Ana e a mulher sem nome —, explorando temas como amor, silêncio, solidão e o mistério da existência.

A cenografia minimalista de Ronald Teixeira e Leobruno Gama, a iluminação de Maneco Quinderé e a direção de movimento de Márcia Rubin criam um espaço onírico, complementado pela trilha sonora original de Alfredo Sertã e o figurino de Beth Filipecki, que reforça a elegância da escritora. A supervisão do trabalho da atriz é assinada por Amir Haddad.

A peça não apenas emociona, mas também fomenta a leitura. Com mais de 2.870 estudantes já tendo assistido ao espetáculo, há um notável interesse do público jovem, com grande recorte para a fai-

xa de 16 a 25 anos, e a presença de diferentes gerações, de 12 a 80 anos. Após cada apresentação, Beth sorteia um livro de Clarice, reforçando a conexão com a obra. “Chegar com a obra de Clarice para outras pessoas e levar a sua literatura aos jovens, que já estão se encantando com a autora, é um presente que o teatro está promovendo para a nossa cultura”, afirma Beth Goulart.

E o foyer do teatro abriga duas exposições: “Entre Ela e Eu” e “Clarice em Mim”. A primeira, idealizada por Beth Goulart, apresenta pranchas em grandes formatos com fotos e informações sobre Clarice, curiosidades pessoais e de suas obras, além de reproduções de retratos da escritora por grandes artistas plásticos. Já “Clarice em Mim”, de Mariana Valente, artista plástica e neta da escritora, exhibe colagens que ressignificam imagens de Clarice.

SERVIÇO

SIMPLESMENTE EU, CLARICE LISPECTOR

Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea)

Até 22/6, quinta e sexta-feira (20h) e sábado (19h)

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 140

Religião, poder e crítica social

Rafael Salim/Divulgação



A Supressão do santo pelo ornamento 5

Mostra reúne mais de 50 obras do artista André Griffo, entre pinturas e instalações, e propõe uma leitura não cronológica de sua produção

Leonardo Martins/Divulgação



Percorrer tempos e ver as mesmas coisas

O artista André Griffo apresenta no Paço Imperial sua primeira exposição individual em uma instituição no Rio de Janeiro. A mostra, intitulada “Alto Barroco”, reúne mais de 50 obras produzidas ao longo de 14

anos, entre pinturas e instalações — muitas inéditas. Com curadoria de Juliana Gontijo, a exposição ocupa o pátio central e cinco salões do Paço.

A proposta é exibir um panorama não cronológico da trajetória de Griffo, articulando obras

de diferentes períodos a partir de afinidades temáticas. Entre os trabalhos em destaque estão “Back to Olympia” (2017), “Sala dos Provedores” (2018), “O Vendedor de Miniaturas” (2021) e “Instruções para Administração de Fazendas 2” (2018), além de duas

obras inéditas e peças de coleções particulares nunca exibidas.

Conhecido por suas pinturas de grande formato, Griffo também apresenta outros suportes e técnicas, revelando uma produção multifacetada que vai além da pintura tradicional. Seu

André Griffo



Jesus e seu projeto teocrático para os Anos 2000

Rafael Adorjan/Divulgação



Instruções para administração das fazendas 2

Rafael Salim/Divulgação



Onde anjos bêbados presos por voarem com seus demônios

percurso começa com composições em que corpos e máquinas se entrelaçam em imagens densas, atravessadas por violência e morte. A partir de 2014, passa a focar a arquitetura como linguagem pictórica e, mais recentemente, revisita obras históricas para refletir sobre o entrelaçamento entre arte, religião, poder e violência.

No pátio, o público será recebido pela instalação “Predileção por alegorias – andaimes” (2015), que confronta o modernismo funcional e o gótico religioso. Já na primeira sala, obras como “Back to Olympia” e “Um altar consagrado” introduzem temas centrais do artista — entre eles a crítica social e a ambiguidade do excesso, marca do barroco que inspira o título da exposição.

As salas seguintes revelam o diálogo entre religiosidade, arte sacra e crítica contemporânea. Obras suspensas, como as da série “A supressão do santo pelo ornamento”, exploram o poder simbólico da ornamentação em contextos religiosos. Também serão exibidas peças como “O poder e a glória do pecado” (2019) e retratos como o do Papa Inocêncio X, além de trabalhos que refletem subjetividades e deslocamentos temporais.

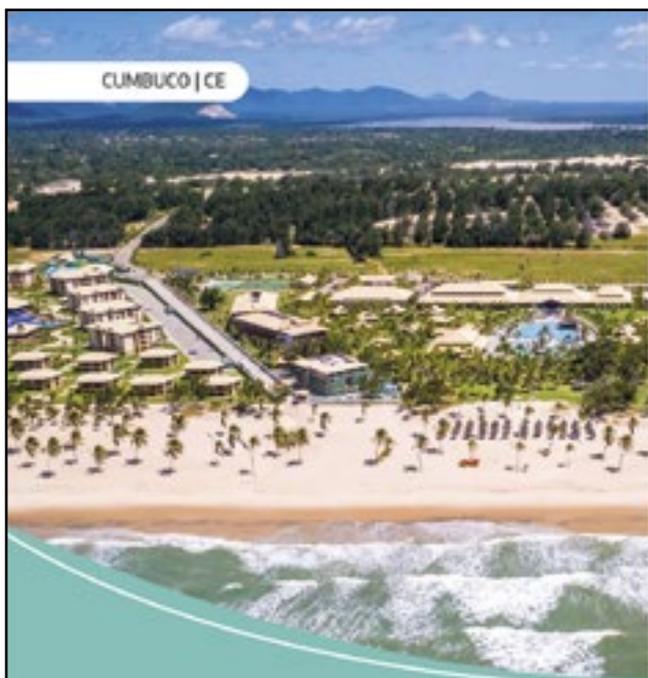
No segundo andar, estão reunidas obras do início da carreira, quando o artista investigava relações entre arquitetura e corpo. Ali também se encontram instalações como “A materialização do canto da Mãe da Lua” (2022), que associa mito e estrutura familiar brasileira, e pinturas como “O Massacre dos inocentes” (2023), que sobrepõem épocas distintas para tensionar episódios históricos. A exposição ainda traz séries inspiradas em Sassetta, com uso simbólico de folhas de ouro sobre figuras demoníacas reatualizadas.

SERVIÇO

ALTO BARROCO

Paço Imperial (Praça XV de Novembro, 48 – Centro)
Até 10/8, de terça a domingo
(12h às 18h)

Entrada franca



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

RESERVE JÁ!

